

Quando meu pai  
perdeu o emprego

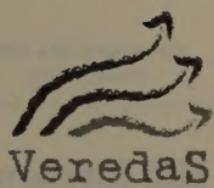
Wagner Costa

III Moderna









WAGNER COSTA

Quando meu pai perdeu o emprego

2<sup>a</sup> EDIÇÃO

**☰☰☰ Moderna**

## III Moderna

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petril de Almeida Leite

EDIÇÃO DE TEXTO Erika Alonso, Luiz Vicente Vieira Filho

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA Fernando Dalto Degan

COORDENAÇÃO DE REVISÃO Estevam Vieira Lédo Jr.

REVISÃO Luduina Santana

EDIÇÃO DE ARTE/PROJETO GRÁFICO Ricardo Postacchini

ILUSTRAÇÕES Daniel Kondo

CAPA Hélio de Almeida

DIAGRAMAÇÃO Staf/Ana Maria Onofri

SAÍDA DE FILMES Helio P. de souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wilson Aparecido Troque

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Lis Gráfica e Editora Ltda.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Wagner, 1950-

Quando meu pai perdeu o emprego / Wagner Costa. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2003. — (Coleção veredas)

1. Literatura infanto-juvenil 1. Título. II. Série.

02-6263

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

**ISBN 85-16-03504-2**

Reprodução proibida. Art 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

### EDITORIA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0\_11) 6090-1500

Fax (0\_11) 6090-1501

[www.moderna.com.br](http://www.moderna.com.br)

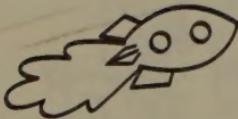
2005

*Impresso no Brasil*





## GRAMÁTICA



Para  
Francisco Gimenes e  
Madrinha,  
*que semearam minha esperança.*

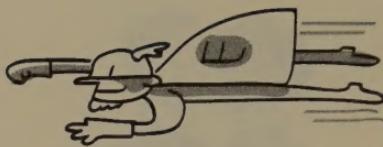


## SUMÁRIO

1. A mensagem do Capitão Esperança .....	6
2. Mordomia .....	10
3. Tempestade à vista! .....	15
4. Um pouso de emergência .....	20
5. Com muita honra! .....	24
6. Pastelaria Nave Azul .....	30
7. “Eta nós!” .....	33
8. “Ninguém me entende! O mundo não me entende!” ..	38
9. Mancadinhas do seu Pepê .....	42

10. Papai .....	45
11. Mamãe .....	49
12. As meninas .....	53
13. Maria .....	58
14. Beto, Betão .....	63
15. A Bruxa do Azar .....	70
16. Ganhando “quase” bem .....	75
17. Ganhei na Loto! .....	80
18. Nave Azul II .....	83





## 1. A MENSAGEM DO CAPITÃO ESPERANÇA

Eu já tinha ouvido, no papo dos adultos, que é uma tremenda barra na família quando o pai perde o emprego. Dizem que as coisas mudam, que a situação de grana aperta e que é um tal de hoje tem e amanhã não tem.

Tive alguns amigos na escola cujos pais ficaram desempregados. Não sei dizer como, mas a gente acaba percebendo que alguma coisa mudou na vida deles. Algumas pessoas tanto fazem para disfarçar a pior que acabam dando na vista; outras ficam humildes de repente; e há também os que entram em desespero.

Sei lá... cada um é de um jeito. Eu, nesta história que vou contar sobre quando o meu pai perdeu o emprego, confesso que agi um pouco de cada maneira.

Passei um tempo muito confuso, assustado e nervoso. Houve muito desentendimento entre nós lá em casa, e algumas coisas e situações que eu nunca imaginara. É o tal negócio: a gente pensa que algumas coisas só acontecem com os outros, mas acontecem conosco também.

Já digo logo de cara, antes mesmo de contar a minha história, que passei a admirar muito mais, já que sempre os amei, o meu pai, a minha mãe, o Beto, meu irmão, a Juliana e a Carolina, minhas irmãzinhas, e o Botina, o nosso vira-lata.

Não posso deixar de falar do Capitão Esperança. Ele é um cara genial, muito gente fina: o meu avô, pai do meu pai, que mora no Rio Grande do Sul. Minha avó morreu e, um tempão depois, ele se casou com a dona Jandira, que virou a vó Janda.

O velho apareceu justo na hora em que as coisas estavam complicadíssimas: papai e mamãe nervosos, no maior bate-boca; o Beto dizendo que iria se mandar de casa; a Ju e a Caró sem entender nada e eu na maior fossa, querendo fazer algo, mas sem saber o quê. As coisas estavam pretas!

Posso dizer que nos três dias em que o vovô esteve entre nós o clima ficou mais calmo. Ele explicou para mim e para o Beto o que significava o desemprego do papai e deixou claro que não era vergonha nenhuma. Falou que se tivéssemos cuca poderíamos aprender muita coisa boa. Explicou tudo também para a Ju e a Caró e, imitando latidos, conversou até com o Botina. O velho é o maior barato!

Um dia, quando todos estávamos na sala, ele nos falou o seguinte:

— Vocês são a família de tripulantes da Nave Azul, que neste momento está fazendo uma viagem muito difícil. Estão enfrentando a tempestade da falta de dinheiro e, mais do que nunca, precisam se proteger com o amor que existe entre vocês. Aposto que a Nave Azul logo, logo vai aterrissar num planeta legal.

Lembro que, antes de ir embora, o vovô fez uma baita compra no supermercado e deixou algum dinheiro com o papai. Nós ainda comentávamos como ele tinha nos feito bem quando tocaram a campainha: um rapaz entregou um bonito arranjo de flores com a mensagem:

*Alô, alô, tripulantes — passageiros da Nave Azul!*

*Felicidade nesta viagem!*

*Não se esqueçam de que a sorte depende de vocês!*

*Nada de cara feia!*

*Nada de se sentirem coitadinhos!*

*Fiquem bem juntos, na base do “um por todos e todos por um”! Com vontade no coração!*

*Todos devem colaborar na Nave Azul!*

*Tem trabalho até para a Ju, a Caró e o Botina!*

*O sufoco vai passar rápido!*

*Boa viagem!*

*Capitão Esperança*



Desse dia em diante o vovô virou o Capitão Esperança, e a nossa família, a Nave Azul. Você vai perceber nessa história o quanto essa mensagem do danado nos ajudou. Hoje, ela está num quadrinho na nossa sala de visitas. Eu mostro o dia em que você vier aqui.



## 2. MORDOMIA

Desde que me conheço por gente e até os meus quatorze anos, a nossa vida na Nave Azul sempre foi de mordomia.

O dia começava com a Jovita que, passando de quarto em quarto, nos acordava e nos dava um suco de frutas. Aí, depois do banho, enfrentávamos uma mesa com café reforçado.

Papai sempre fez questão de começar o dia com todos nós juntos no café, mas o gozado era que ele afundava a cara nos jornais e ficava difícil alguém conseguir conversar com ele, que só nos respondia com um “é?” ou “tá bom!”.

Cinco minutos depois começava a hora da buzina na Nave Azul. Papai buzinava na garagem para apressar o Beto que iria com ele para

o colégio, e o Beto sempre fazia hora no banheiro. A Ju não, assim que o ônibus da escola buzinava ela já estava prontinha.

Eu tinha a manhã inteira para mim: estudava um pouco no meu quarto e, depois, quase sempre com algum amigo, ficava “jacarezando” na piscina lá de casa. Foi nessa época que me meti a instrutor de natação da Caró, minha irmã caçula de quatro anos. Não me saí mal porque ela começou a nadar direitinho, parecia uma pequena sereia.

Mamãe saía quase todas as manhãs para jogar tênis no clube e chegou a disputar um campeonato interno. Fui dar uma força na torcida, mas, cá entre nós, ela jogava mal pra burro! Mas, mãe é mãe, né?

O almoço na Nave Azul era servido pontualmente a uma hora pela dona Maria, uma mulher muito bacana, que era meio faz-de-tudo lá em casa. Nessa hora sempre tinha um bate-boca entre a mamãe e o Beto, que se enchia de porcariada no colégio e não queria almoçar. Mamãe insistia, gritava, e o Beto se trancava no quarto. Papai raramente vinha para o almoço.

À tarde, mamãe deixava a Caró na escolinha e eu no colégio. O que eu gostava mesmo era de tirar o carro da garagem, e muitas vezes tentei fazer a cabeça dela para me deixar ir dirigindo até a escola. Mas não tinha jeito. Mamãe era e é jogo duro!

Uma vez, escondido, peguei o carro e dei uma volta no quarteirão. Pior viagem, porque minha mãe me deixou um mês indo a pé para a escola. E, para piorar, choveu quase todos os dias. Entrei bem!

Nessa mesma época o Betão também ficou sem carona porque o papai se encheu de tanto buzinar e cortou a mordomia. Coincidiu de nós dois ficarmos na mesma situação. Tentamos conversar, negociar com papai e mamãe, pedimos desculpas e dissemos todas aquelas coisas que a gente inventa na hora. Os dois não quiseram nem saber.

Uma noite, o Beto e eu fomos a uma festa. Caía um temporal. Ligamos pedindo para que alguém fosse nos buscar. O papai respondeu do outro lado:

— Virem-se! — e desligou.

Fomos andando bem devagar, debaixo de toda aquela chuva, só de pirraça. Chegamos em casa encharcados e com ar de infelizes e injustiçados. Papai, de cara feia, mandou-nos para o banho. Ao sair, demos de cara com os dois nos esperando na sala. “Lá vem sermão!”, pensei. Papai estava muito esquisito.

— Hoje, os dois vão dormir na garagem!

A coisa estava pior do que eu pensara. Papai ainda disse com um sorriso cínico, de pouco-caso:

— Garanto que vocês vão adorar passar a noite na garagem...

Já sabíamos, por experiência própria, que quando papai dava uma ordem o melhor era não discutir; depois, tudo bem. Quando chegamos na garagem não acreditamos: uma mobilete para mim e uma motoca de 125 cilindradas para o Beto.

Fazia mais de ano que vivíamos insistindo no “me dá, me dá!”.

Foi a glória para nós dois! Papai deixou bem claro que só iríamos até a escola com elas e, no máximo, uma esticada pelo bairro. Principalmente

o Beto que, com dezessete anos, não tinha carta. Todo fim de semana colocávamos a mobilete e a moto na carreta e íamos para o sítio. Aí, então, saí da frente!

Fazíamos o maior sucesso com as garotas da escola. Na verdade, eu ficava meio envergonhado com a mobilete, mas o Beto sempre me deixava dar uma curtida com a moto. Nós dois íamos sempre zoar no *shopping*.

Um dia, juro que não sei como aconteceu, entrei de moto e tudo no carrinho de um pipoqueiro que estava na porta do *shopping*! Tive de agüentar, além do susto, o vexame e a gozação da turma.

Papai riu ao saber da coisa e me deu o dinheiro para pagar o conserto do carrinho de pipocas.

Dá para ver como a vida na Nave Azul era tranquila? Mas a moleza, um dia, acabou...





### 3. TEMPESTADE À VISTA!

Quando digo tempestade é porque foi mesmo uma tempestade o que caiu sobre a vidinha gostosa e despreocupada da Nave Azul.

Aconteceu de uma hora para outra. Papai, sempre tão sem tempo por causa do serviço no escritório, passou a ficar em casa o dia inteiro. O estranho é que não ficava relaxado, como quem estivesse de férias ou coisa parecida. Deu para não aparecer mais com os jornais na hora do café e também não comia conosco no almoço. Passava o tempo todo trancado no quarto ou no escritório de casa. Quase não conversava com a gente.

— Mãe, o que está acontecendo com ele? — perguntei um dia.

— Papai teve um esgotamento nervoso por causa de tanto trabalho e precisa descansar uns dias.

— Então por que não vai para o sítio?

— Ele prefere ficar em casa. Logo, logo estará bom.

O tempo foi passando e o tal do logo, logo não chegava. Contei: papai ficou dezoito dias naquela situação de silêncio. Eu desconfiei que deveria ser algo muito sério porque mamãe parou de ir ao clube. O pior é que, toda vez que eu perguntava, a resposta era sempre a mesma: esgotamento nervoso por causa do excesso de trabalho. Tentei conversar com o Beto, e ele me disse o seguinte:

— O pai está com muito grilo. Problema dele. Não quero nem saber.

Não gostei e até me assustei com a resposta do meu irmão. Mal podia imaginar que o Betão começava a mudar o seu jeito de ser, o que causaria muitos problemas na Nave Azul. Eu conto mais para frente.

A Ju, na inocência dos seus nove anos, me perguntou:

— Pepê, é verdade que o papai quer morrer?

— De onde você tirou essa bobagem, menina?!

— Foi a mamãe que disse. Ela estava conversando não sei com quem no telefone e disse que o papai tem vontade de morrer depois de tudo o que aconteceu...

Eu é que quase morri ao ouvir aquilo. Buscava uma resposta legalzinha quando fui salvo pela buzina do ônibus escolar. A Ju saiu em disparada. Fiquei matutando aquela coisa e resolvi pôr tudo em pratos limpos. Fui falar com o meu pai e botei para fora minha preocupação e o comentário da Ju.

Papai deu uma gargalhada, mas percebi que era algo forçado, de quem esconde alguma coisa. Mamãe também riu de modo que não me convenceu. Papai passou a mão sobre minha cabeça.

— Ora, Pepê, como sua mãe falou, eu estava esgotado, mas já estou bom. Fica sossegado, filho. Eu agora não trabalho mais no escritório, e sim aqui em casa.

Até acreditei, porque ele ficava grudado no telefone o dia inteiro. Conversava com advoga-

do, falava sobre contratos, cheques e sobre uma porção de coisas das quais eu não entendia.

Uma tarde, vi papai e mamãe em uma discussão muito feia, à beira da piscina. Ele gesticulava e ela chorava, pedindo calma. Bem que tentei ir até eles, mas a Maria não deixou.

— Não vai, Pepê, porque acaba sobrando para você.

Dito e feito. Se bem que não foi para mim que sobrou, e sim para o Beto, que, para variar, não estava em casa. Papai veio bufando da piscina e soltou em cima de mim:

— Cadê aquele motoqueiro vagabundo? Fala para o Beto que vou tirar a moto dele e se você me encher o saco tiro a sua mobilete também!

Entrou no quarto batendo a porta. Mamãe foi atrás. Eu ali, mais assustado do que não sei o quê. A Maria só dizia, baixinho:

— Ai, minha Nossa Senhora Aparecida!

Não demorou muito e os dois saíram do quarto. Papai, com uma mala de viagem, passou por mim e nem tchum. Minha mãe, atrás dele, parou e disse:

— Pepê, vou levar seu pai até o aeroporto porque ele tem de ir urgentemente ao Rio de Janeiro. Você e a Maria buscam as meninas na escola.

Ju e Caró não desconfiaram de nada. O Beto chegou de madrugada, e, quando lhe contei o que havia acontecido, ele falou:

— Deixa de ser bobo, Pepê. Não percebeu que o papai está desse jeito porque foi mandado embora do emprego? Ele que se vire! Ele não é o bom?! Eu vou embora desta casa.

Fiquei triste com essa reação do Beto.

Mais tarde, mamãe telefonou avisando que tinha ido com papai para o Rio de Janeiro e que voltariam dali a dois dias. Sobrou para mim ajudar a Maria a tomar conta da casa.

Quando voltaram, pela cara dos dois, percebi que a tempestade iria desabar de vez...

Felizmente o meu avô, o Capitão Esperança, que já apresentei, chegou meia hora depois. Ufa!





## 4. UM POUSO DE EMERGÊNCIA

Vovô viera em missão especial, sem dúvida alguma. Mamãe havia telefonado e pedido para que viesse o mais rápido possível.

Ele conversou com papai e mamãe durante toda a madrugada, mas não me perguntaram sobre o quê, pois eu não saberia dizer. Algo mudou, porque papai tomou café conosco e até fez brincadeiras lá do jeito dele.

Tive de contar que o Beto dormira fora de casa e que andava muito estranho. Mamãe apenas comentou:

— Justo agora ele vai nos dar problemas!

Fiquei na minha porque estava um pouco chateado com aquele mistério dos dois e até desabafei com a Maria:

— Adulto é engraçado. Vive dizendo que devemos contar tudo o que acontece, mas ele mesmo não faz o que diz! Ô saco!

Vovô e papai passaram aquele primeiro dia fora de casa e, à noite, mexeram em papéis, fizeram contas e escreveram. A Ju e a Caró não perdoavam e pediam para o velho contar uma história. Ele, então, arrumava uma brechinha e contava. Claro que as duas queriam mais. Ele então desconversava e prometia outra para depois.

— Pepê — disse vovô. — Preciso ter uma conversinha com você e com o Beto hoje à noite. Pode ser?

Se tinha algo que eu adorava e adoro é bater papo com ele. Mas não conversamos naquela noite porque ele e papai voltaram muito tarde e o Betão voltou mais tarde ainda.

No dia seguinte vi vovô dando dinheiro e um cheque ao papai, e ele também fez aquela tremenda compra de supermercado. O velho aproveitou que papai e mamãe tinham saído e nos reuniu para a tal conversa. Antes de tudo, disse que iria embora por causa da vó Janda, que estava doente.

Vovô tem a mania gostosa de falar usando palavras de histórias de ficção científica, que vive lendo. Não deu outra:

— A família da gente é como uma nave espacial em viagem pela vida. Cada família tem um caminho a percorrer neste mundão de Deus! Há momentos alegres e, também, difíceis nessa viagem. O importante é que a tripulação permaneça unida. Às vezes, como agora na família de vocês, a viagem dá de frente com uns probleminhas...

E, desse jeito, paciente e carinhoso, ele nos contou que papai havia perdido o emprego e que, como se não bastasse, perdera também todo o dinheiro que tinha de reserva porque fizera um negócio que não dera certo.

— Por isso, vocês têm de dar uma parada para conversar durante essa viagem. Têm de fazer uma espécie de...

— Um pouso de emergência! — a Ju gritou toda contente.

Mais contente ficou o velho ao perceber que a pequena Ju entendera tudo o que ele explicara. O Beto balançou a cabeça de susto ao escutar do vovô:

— E você, grandão, tem um papel muito importante nesta nova etapa da viagem em família. Vê se não pisa na bola, hem?

O Beto se fez de desentendido, mas quebrou a cara porque o vovô deu um nó nele:

— Já que você não consegue entender, vou conversar com o Botina. Tenho certeza de que ele vai me compreender — agachou-se para o vira-lata e, imitando latidos, nos fez cair na risada.

Despediu-se prometendo voltar assim que pudesse. Teve que contar, já dentro do táxi, uma última história para a Ju e a Caró.

Papai e mamãe não demoraram a chegar. Estávamos comentando sobre o vovô quando chegou aquele arranjo de flores com a mensagem do Capitão Esperança.

Papai ficou emocionado e sorriu como há muito tempo não sorria. E, lendo e relendo a mensagem, começou a falar:

— Atenção, tripulantes da Nave Azul!...





## 5. COM MUITA HONRA!

Papai olhou mais uma vez para a mensagem do Capitão e recomeçou:

— Tripulantes-passageiros desta nossa Nave Azul, antes de mais nada, quero pedir desculpas a todos por tanto nervosismo nestes últimos dias...

Gostei de ver. Depois de tanto tempo ele fala olhando para os nossos olhos. Entrou direto no assunto:

— Aconteceu que eu, o comandante desta Nave, perdi o emprego e preciso da ajuda de vocês. Estou desempregado e com uma porção de problemas para resolver.

Juro que nunca tinha visto papai tão humilde. Não era um humilde coitadinho, mas uma humildade bonita.

— Muita coisa vai mudar...

— A gente vai mudar daqui, papai? — perguntou a Ju, interrompendo.

— Vamos, Ju. Começa por isso. Sairemos desta casa para um apartamento aqui perto.

— Fica no altão? Tem elevador? Vou ensinar a Caró a andar de elevador! — Ju puxou Caró pelo braço e as duas se ajeitaram no colo dele.

— Só que tem uma coisa, filha: você e a Caró vão dormir no quarto da mamãe e do papai. Não vão mais ter um quarto só para vocês.

— Que legal! Gosto de dar uma dormidinha perto de vocês. Vocês é que não deixam.

O Beto, que, como já falei, andava muito estranho, parou de mexer nos cordões do tênis e entrou na conversa:

— Eu continuo com um quarto só para mim, não é?

— Não, Beto. Você e Pepê dividirão um. Lá só tem dois quartos.

— Mas preciso de um canto só meu, minhas guitarras, meu som. Senão, vou dormir na garagem!

— O prédio não tem garagem.

— E onde vou guardar minha moto? Que porcaria de prédio! Vai ver é um tremendo favelão... — Beto ia se levantando para sair.

— Senta aí, seu moleque boca-dura!

Papai berrou tão forte que as meninas saltaram do colo dele. Beto voltou murchinho para o sofá. Tentou consertar a pisada de bola:

— Tá bom, pai. Eu arrumo um lugar para a minha moto...

— Acontece, filho, que temos de vender sua moto e a mobilete do Pepê.

— Mais essa agora! Por quê?

— Precisamos do dinheiro para fechar um negócio urgente.

— Vai vender um dos carros?

— Já foram vendidos para pagar as dívidas. Não sobrou nada.

— E o que vocês vão comprar assim de tão urgente?

Papai e mamãe se entreolharam com cara de “É agora!”.

— Uma Kombi e uma barraca de pastéis.



— Não me digam que você e a mamãe vão vender pastéis na feira!



— Isso mesmo!

— Isso é ridículo! O senhor não tem vergonha de colocar mamãe numa situação dessa? Você concorda com isso, mãe?

— Claro! Não temos outra saída neste momento...

— Pois acho o fim da picada! E meus amigos, o que vão dizer?

— Isso não interessa, filho. O que importa é que nossa família tenha o que comer, que nós fiquemos juntos. Leia a mensagem do Capitão...

— papai ia lhe passando o bilhete do vovô, mas o Beto explodiu:

— Você é o culpado! Perde o emprego e joga a mulher e os filhos no ridículo! A obrigação de sustentar a casa é sua! Pais de meus amigos também já ficaram desempregados, mas nenhum pôs a mulher na feira para vender pastéis!

Achei que o Beto estava falando muita besteira. Dei meu apoio:

— Eu topo vender pastéis na feira!

— A Caró e eu também topamos... comer pastel de graça! — disse a Ju, também querendo apoiar papai e mamãe.

Rimos. Menos o Beto, que continuou “bobajando”:

— Pai, você é um fracassado que nem...

— Cala essa boca, seu merdinha! Não fale assim comigo! Sou seu pai!

— Que belo pai que dá tudo e depois tira!

— Saia daqui, moleque, antes que eu te dê uma porrada!

Beto só não levou uns trancos porque mãe se pôs no meio. Ele sentiu a coisa perigando e saiu correndo, mas gritou:

— Podem fazer pastel com a minha moto!

Papai contou até dez para se acalmar. Nossas caras, minha, da Ju e da Caró, mostravam que podiam contar conosco. Não gostei da idéia de ficar sem a mobilete. Mas, fazer o quê?

Na semana seguinte já estávamos morando no apartamento que, de tão pequeno, era mais um “apertamento”. A Jovita foi trabalhar

em outro lugar. A Maria ficou com a gente. O Beto tomou uma dura do papai e teve que escolher: ou parava de bancar o cavalo e colaborava com a Nave Azul ou poderia até sair de casa! Betão foi junto; resmungando, mas foi.

Não demorou muito e a Nave Azul virou uma família de pasteleiros.

Com muita honra!





## 6. PASTELARIA NAVE AZUL

O dia passou a começar mais cedo para nós: às cinco horas da manhã já tínhamos tomado café e, logo depois, estávamos todos a bordo da Manoela (nome que demos para a Kombi) rumo à feira do dia. Papai ao volante, mamãe e eu ao lado e Maria e as meninas no banco de trás. Beto ficava, era o único que ainda estudava de manhã.

Funcionava assim na barraca: Maria fritando os pastéis; papai, mamãe e eu atendendo aos fregueses; e Ju e Caró nos atrapalhando, comendo um pastel atrás do outro. A Ju teve a idéia e nós escrevemos na lona da barraca: “Pastelaria Nave Azul”.

Lá pelo meio-dia, papai trazia as meninas e eu para o apartamento e voltava para a feira.

Era o tempo de tomarmos banho e eu, então, a pé, deixava a Ju e a Caró na porta da escolinha delas e ia para o meu colégio. Ficou combinado que o Beto deveria ir buscá-las, coisa que fez apenas algumas vezes. Depois, inventou que tinha trabalhos de grupo e não foi mais. Ele dizia que não estava nem aí. E muito menos lá, pois nunca apareceu na barraca. Tinha vergonha.

A rotina durou pouco porque as meninas não agüentavam levantar tão cedo, apesar da farra que faziam. Numa certa hora iam dormir na Manoela. Passei, então, a ficar com elas em casa. Virei babá da Ju e da Caró. Tudo bem.

Mamãe, acho que para compensar tanta mudança, fez questão de que todos jantassem juntos. O Beto tomou outra dura porque nunca estava em casa na hora do jantar e continuava chegando tarde, sem conversar com ninguém.

Uma noite, caí na besteira de perguntar o que ele achava da nossa vida no apartamento e do papai e mamãe como pasteleiros. Sabe o que ele respondeu?

— Uma bosta!

Eu, que modéstia à parte pareço muito bonzinho, fiquei bravo e dei-lhe o troco na hora:

— Bosta é você, que não está ajudando em nada! Um baita de um vagabundo e mentiroso que fica contando para as garotas da escola que o pai comprou uma rede de lanchonetes. Você é um bundão!

Pra quê! O Beto veio de soco em cima de mim. Pensa que afinei? Nem deu tempo! O primeiro soco me deixou tontinho no chão! Fiquei no quarto todo dolorido, curtindo a raiva. Maria quis contar para o papai e a mamãe. Pedi que não contasse, senão seria pior para todos. Papai andava tendo uns disparos no coração. Dizem que, quando é assim, a pessoa não pode passar nervoso.

Naquela mesma noite, quando levantei para tomar água, ouvi papai e mamãe conversando na área de serviço.

— O que ganhamos com os pastéis está dando apenas para pagar o aluguel, a comida e a escola das meninas. Tenho que arrumar um emprego rapidamente. Seria até bom se o Beto e o Pepê fossem trabalhar, ao menos para pagar a escola...



## 7. "ETA NÓIS!"

Antes de sair para a feira, papai me pediu para avisar o Beto que iria conversar conosco à noite. Eu não falava com o Beto por causa daquele soco, mas fiz um esforço e avisei.

— Xi, lá vem aquela conversa mole de Nave Azul, todos juntos! Saco! Tô a fim de me mandar daqui! — meu irmão vivia repetindo isso.

Eu já havia pensado em ir trabalhar, mas por onde começar? Eu não sabia fazer nada! Troquei idéia com a Mila, minha namorada. Ela me deu a maior força e até brincou comigo.

— O filhinho de papai vai virar um homenzinho!

Ela só não gostou de eu ter que mudar para o período noturno. Foi muito sincera e disse que teria ciúmes.

— Do quê? — perguntei, como se não soubesse.

— Das meninas da noite, ora! Elas são muito fominhas! Não podem ver um aluno novo que ficam com gracinhas. Ainda mais um gatinho como você!

Foi aí que fiz, então, a primeira jura de amor na minha vida:

— Mila, serei seu até morrer!

Ela gostou de ouvir isso. Achou bonito! Eu, também.

Conversei com o professor Pio, o diretor do colégio, sobre a minha possível transferência para o noturno. Ele sabia dos problemas da nossa família, tanto que havia dado um descontão nas mensalidades minha e do Beto. Gostou da minha idéia.

— Pepê, assim que me trouxer a sua carteira de trabalho assinada e a autorização do seu pai, você muda para o noturno.

Meia hora depois, eu estava perguntando pelo Rodrigo no escritório onde ele trabalhava de *boy*. Dei sorte: ele não saíra para serviço. Não deixou nem eu terminar de contar minha decisão. Deu pulos:

— Cara, que massa! Você é um sortudo! E eu também! Sabe por quê? Acabei de ser promovido e vou trabalhar no computador, mas só começo depois que arranjar alguém para o meu lugar de *boy*. Já arrumei! Você!

Puxou-me pelo braço, levou-me para o meio do escritório e gritou:

— Pessoal, este é o Pepê! O cara que vai ficar no meu lugar!

Senti a maior vergonha. Falei baixinho para o Rodrigo:

— Cara, tem um problema: eu nunca trabalhei e não sei fazer nada!

— Isso é o de menos! Você aprende!

Quando me dei conta, já estava conversando com o doutor Caio, o chefão do escritório. Não escondi o jogo e confessei que era um ignorantão naqueles assuntos de trabalho e que nem o centro da cidade eu conhecia.

— O Rodrigo sai com você para ensinar o serviço. Seja bem-vindo à nossa empresa, Pepê!

Meu Deus do céu, tudo tão de repente! Eu, Pedro Paulo da Costa, o Pepê, o mais novo *office boy* da vida! “Eta nóis!”

À noite, na conversa comigo e com o Beto, papai disse que a situação na Nave Azul estava cada vez mais apertada e que faltava dinheiro para as despesas da família. Mamãe e Maria continuariam vendendo pastéis. Ele iria arranjar um emprego, que, por pior que fosse, significaria um dinheiro a mais. Não falou assim como quem dá ordens, mas deixou claro que eu e o Beto teríamos que trabalhar. Meu irmão, indignado, falou:

— Eu não posso trabalhar. Tenho meus estudos e, de mais a mais, com dezessete anos, ninguém me dará um emprego por causa do Exército...

— Deixa de enrolação, Beto. Falta mais de um ano para isso, e você nem sabe se vai servir o Exército.

— Tenho que estudar para o vestibular...

— Que vestibular, rapaz! Você está no segundo colegial e aposto que vai bombar de novo! Vai ter que trabalhar, sim senhor!

— Só se você me der outra moto...

Foi a gota d'água! Papai soltou um palavrão e deu um soco tão forte na mesinha da sala, que

ela ficou toda desconjuntada. Beto correu para o quarto. Mamãe abriu o berreiro.

Deixei para contar sobre o meu emprego só na manhã seguinte. Papai me abraçou forte e tentou esconder duas lágrimas felizes que vi nos olhos dele.





## 8. "NINGUÉM ME ENTENDE! O MUNDO NÃO ME ENTENDE!"

O Beto, como já deu para perceber, começou a dar muita mão-de-obra. Para ele, nada servia, nada prestava. Saía de manhã e só voltava à noite. Matava a aula e ficava na lanchonete, no fliperama ou zoando no *shopping*. Nunca mais tocou guitarra. Trocou de turma e arrumou uma namoradinha maluquinha como ela só, a Leninha Guns N'Roses. Macaquíssima de auditório da banda.

Ele evitava o papai. Era até bom porque, na hora em que os dois fossem acertar as contas, a coisa iria ficar feia. Mamãe botava panos quentes e entrava na conversa furada do Betão. Ele fazia cara de infeliz e dizia com ar de vítima:

— Ninguém me entende! O mundo não me entende!

Mas chegou a vez de a mamãe ficar por conta com ele por causa de uma “aprontação”: ele apareceu na barraca de pastéis com a Leninha e mais dez caras da turma. Comeram quarenta e quatro pastéis, tomaram vinte e oito refrigerantes. Daí, viraram as costas e se mandaram, sem nem perguntar quanto era! Naquela noite mamãe disse para ele:

— Fiquei feliz ao vê-lo chegar na barraca, mas o que você fez foi um abuso! Se ao menos tivesse pedido, ou avisado que ninguém tinha dinheiro, tudo bem... mas assim não dá!

O Beto ria como quem tivesse feito a maior façanha do mundo. Aquilo irritou mamãe, que jogou na cara dele um desabafo sentido:

— O pior de tudo foi que você nem me chamou de mãe! Pensa que não escutei quando você disse que a Maria e eu éramos empregadas do seu pai, que, além das lanchonetes, tinha também uma rede de barracas de pastéis?!

Fiquei com vontade de devolver aquele soco que o Beto me dera. Papai chegou justo nessa hora. Eu, para não botar mais lenha na fogueira, tive que guardar o meu soco. Que raiva!

Mamãe, preocupada com o coração do papai, que estava furioso, pôs um sorriso no rosto e inventou uma desculpa na hora:

— Querido, o Beto está quase com um emprego arrumado!

Bobo meu irmão não era e fez o papel dele direitinho.

— É, pai, mais uns dias e eu também estarei trabalhando. Não posso falar nada por enquanto. Prefiro acertar tudo primeiro. É uma surpresa. Afinal, eu também sou um passageiro-tripulante da Nave Azul!

Tem momentos em que a gente se apega na mentira. O safado falou aquilo com tanta convicção que eu quase acreditei. Papai acreditou. Deu um abraço no Betão. O danado aproveitou e levou uma grana dele porque disse que iria para uma casa de praia com a turma. Queria aproveitar bem o fim de semana porque, com certeza, na segunda-feira começaria a trabalhar. Papai concordou e pediu-lhe que tomasse cuidado com o mar.

Mamãe comentou toda cheia de carinho:

— Precisamos ter paciência com o Beto, querido. Coisas de adolescente. Ele é um bom menino.

Eu amoleci minha raiva. Eu amava e amo o meu irmão.

Na segunda-feira, no final da tarde, tocaram a campainha. Mamãe foi atender e voltou toda eufórica:

— Querido! É o diretor da firma onde você trabalhou. Vai ver que o pessoal pensou melhor e resolveu chamá-lo para trabalhar lá de novo! Não falei que sentiriam sua falta? Graças a Deus!

Infelizmente não era nada daquilo; muito pelo contrário. Deixa antes eu explicar uma coisa: o sítio que nossa família usava pertencia à firma onde papai trabalhou, e ele tinha esse privilégio por ser gerente, coisa e tal. Óbvio que, ao sair da empresa, perdera o direito. Pois é...

O tal diretor, ameaçando ir à polícia, veio contar que o Betão havia levado a turma dele para o sítio. Brigaram com o caseiro, fizeram xixi na piscina! Bem, isso foi o de menos. O resto nem é bom falar...





## 9. MANCADINHAS DO SEU PEPÊ

O Rodrigo me ensinou o serviço e eu ataquei com unhas e dentes. Senti-me todo-todo com o meu primeiro emprego!

— Pedro Paulo da Costa, o *boy* mais bonito da cidade! — foi o que disse a Mila quando mostrei para ela o meu crachá.

A gente dava uma namoradinha antes de eu entrar para a aula no noturno. Eu contava para ela as minhas aventuras no serviço. Exagerava um pouco, ou melhor, bastante. Eu estava me achando o máximo!

Não contei para Mila a mancada que dei logo no primeiro dia.

Sempre achei bonito esse jeitão dos garotos pularem do ônibus em movimento. Eu voltava

do banco e dei o sinal. O motorista foi diminuindo a marcha e eu lá com meus botões: “É agora!” Pulei com o ônibus ainda em movimento!

Meu pé falseou! Tropeça daqui, tropeça dali. A maleta foi a primeira a cair. Eu caí de bunda no chão, bem na frente de uma porção de gente! Adivinha onde a calça rasgou? Por sorte a cueca não rasgou também!

Entrei no escritório com a maleta grudada na bunda. Bem que tentei disfarçar, mas todos perceberam. Que gozação! Tive que ficar uns dez minutos esperando no banheiro. A Marisa, a secretária da diretoria, foi legal e muito discreta. Bateu na porta:

— Tá pronta, Pepê.

Ela tinha costurado minha calça com tanto carinho que, daquele momento em diante, a Marisa não saía mais do meu pensamento. Achei que ela seria a grande mulher da minha vida!

A Mila me perguntava se eu não tinha medo de carregar tanto dinheiro na maleta e se eu não me atrapalhava com aquela grana toda.

Eu falava que aquilo não tinha segredo para mim. E sempre multiplicava por quatro a quan-

tia que carregava na mala. Só para impressioná-la. Ela, aflita, dizia para eu tomar cuidado.

Não contei para a Mila o papelão que fiz logo na primeira vez em que me mandaram fazer um depósito de cheques e de dinheiro no banco. O Rodrigo tinha me mostrado como fazia. Fiz tudo de olhos fechados...

— Pepê, cadê o recibo do depósito no banco? — a Marisa perguntou.

— Recibo?! Tinha recibo?

Eu havia dado uma senhora mancada: em vez de ir ao caixa, enfiei tudo na caixa de correspondência. Voltei crente que estava abafando!

Pela segunda vez me senti envergonhado diante da Marisa, minha musa inesperada. Daquele jeito, ela jamais aceitaria e compreenderia minha paixão tão subitamente arrebatadora!

Não demorou muito e fiquei sabendo que ela tinha um filho da minha idade...

Por favor, não espalhe por aí essas mancadinhas do seu Pepê...





## 10. PAPAI

Papai andava muito chateado e preocupado por continuar sem emprego. Mas, verdade seja dita, não ficava paradão esperando cair um trabalho do céu! Ele ia atrás! De manhã, recortava os anúncios de empregos nos jornais, enchia o bolso com fichas e telefonava do orelhão da esquina. Ficava um tempão digitando seu currículo profissional na mesa da cozinha. Contava sobre todos os empregos que tivera. Achei curioso saber que papai também havia começado a trabalhar como *office boy*.

Mas ele estava numa maré de azar! Nada dava certo!

As pessoas, os amigos diziam que ele era um craque em vendas e falavam para que tivesse

um pouco de paciência porque uma hora ou outra o valor dele seria reconhecido.

— Paciência?! Tive que vender dois carros, dois telefones e enfiar minha família neste apartamento que mais parece uma caixa de fósforos! Só não estamos passando fome porque Deus não quer e porque tenho uma mulher disposta ao meu lado!

Eu não conseguia compreender por que demorava tanto para papai sair do sufoco. O que tinha acontecido?

— Foi o seguinte, Pepê, depois de muitos anos fui mandado embora da firma onde trabalhava. Tive desentendimentos com o patrão porque ele achava que tinha de me pagar um tanto e eu acho que tinha direito a mais. É muito complicado, filho. Estamos brigando na Justiça do Trabalho. Vai demorar um tempão para que as coisas se resolvam e eu receba tudo o que tenho direito. Mas, enquanto isso, vou tocando o barco porque tenho vocês, a Nave Azul, para sustentar. Topo trabalhar em qualquer coisa!

Papai era e é um verdadeiro guerreiro. Eu só não gostava quando ele tomava umas bebidas a

mais na padaria. Voltava para casa meio atrapalhado, triste, depois ficava alegre e vice-versa. Coisa de gente que bebeu demais.

Um dia, ao voltar da feira, mamãe deu de cara com ele naquele estado. Virou um bicho!

— Se for para você continuar assim, não conte mais comigo! Paro de me matar vendendo pastéis e começo a reclamar e a azucrinar no seu ouvido falando das coisas boas que tínhamos antes de você perder o emprego! Que porcaria de comandante da Nave Azul é você?!

Ninguém pense que ela falou tudo isso numa boa. Foi aos gritos e soluços. E mais: voou caco de pratos para tudo quanto é lado!

Mas valeu! Papai nunca mais caiu naquela baixaria. O Beto andava torcendo para que ele fraquejasse, para ele, Beto, poder dar uma cutucada. O Betão cansou de esperar.

Não foram uma nem duas vezes que papai saiu todo arrumado, cheio de animação, para uma entrevista de emprego, dizendo que daquela vez daria tudo certo!

Coitado! Voltava todo triste e fazia um esforço danado para não deixar a peteca cair. Nessas

horas, mamãe tinha uma solução para curar a fossa dele:

— Amanhã você irá conosco para a feira. Você nos traz sorte. Quando está na barraca, a Maria e eu não vencemos atender a freguesia.

Uma coisa eu sempre achei bonita entre os dois, principalmente no meio daquela confusão toda: nunca deixavam de dar uma namoradinha, à noite, na área de serviço do apartamento. Acon-  
tecesse o que acontecesse não se esqueciam de dizer um para o outro: “Eu te amo!”





## 11. MAMÃE

Mamãe, nessa fase difícil para nossa família, me fazia lembrar aquela história do “quem te viu, quem te vê”.

Dona Viviane mostrou o que sabia ser: decidida, guerreira, pau para toda obra. Fiquei surpreso porque sempre achei mamãe muito frágil, muito emotiva, assustada com as coisas. Parecia um passarinho andante. E, confesso, também um pouco afetada, um tanto fresquinha e cheia de não-me-toques.

Se antes eu já a amava, depois, então, foi amor com um caminhão de admiração e respeito. Éta mulher bacana!

Era a primeira a se levantar, acordava todos com um copo de leite com chocolate, e ai de quem dissesse “não quero”. Enquanto a gente

reclamava, com preguiça, do “ainda é cedo!”, ela ia abrindo as janelas e repetindo “levanta, levanta!”.

Subia na Kombi e ia dirigindo para a feira. Ficava muito bonita dentro da barraca: usava os cabelos presos, sob uma touca, e sempre tinha um avental muito branco. Nunca deixava de usar uma corrente de ouro e uma medalhinha, que não tirava para nada. Tinha sido um presente do meu outro avô, o pai dela. Um dia, um ladrão arrancou a corrente com a medalhinha do pescoço dela, em plena barraca! Prometi para mim mesmo que, também de surpresa, colocaria uma outra correntinha no pescoço dela.

A simpatia dela atraía os fregueses. Muitas vezes papai e eu ficamos até com ciúmes daqueles marmanjões que vinham com conversa fiada: “Oi, dona Viviane...” Mas, se o sujeito se metesse a besta com desrespeito, ela, com muita classe, punha-o no lugar dele. Teve um abusado que confundiu educação com confiança. Levou um tabefe que o deixou procurando a vergonha na cara até hoje!

Muita madame arregalava os olhos ao topar com mamãe na barraca de pastel. Afinal, ela sempre fora uma mulher que freqüentava as reuniões sociais do clube, jogadora de tênis, que se vestia muito bem e com roupas caras...

Gozado é que muita gente fingia não reconhecer mamãe na feira para depois fofocar: “Você viu a Viviane? Vendendo pastéis na feira!”

Mas mamãe até fazia questão de ser notada pelas “amigas”: “Dona Fulana, seu Beltrano, como vão? E o clube?”

Quando alguém mais venenoso perguntava por que ela não ia mais jogar tênis, a minha bixinha sapecava: “Eu agora jogo pastel na frigideira”.

E não é que mamãe resolveu vender pastéis na porta do clube?

— Você está louca?! E a nossa cara? — perguntamos papai, Beto e eu.

— Estou decidida! Precisamos de dinheiro para a nossa Nave Azul, e vocês vão me ajudar, vão comigo!

Envergonhados, papai e eu fomos. Beto disse que preferia morrer.

Uma vez mamãe foi convidada para trabalhar numa butique do *shopping*.

— Ah, Viviane, lá é um lugar mais apropriado para uma mulher tão fina como você...

— Agradeço o convite, mas vendendo pastéis eu ganho mais.

Havia uma coisa sagrada para ela: todas as tardes de domingo ia ao clube jogar tênis com as amigas de sempre e não dispensava umas braçadas na piscina. E tudo na maior elegância, sem dar bola para os comentários.

Na segunda-feira, com disposição e alegria, acordava a Nave Azul com o copo de leite com chocolate e com o “levanta, levanta!”.

Ela fazia o possível e o impossível para evitar uma “trombada” do Beto com o meu pai. Dava conselho, pedia para o Betão maneirar. Mas o Beto fazia pouco-caso e dizia que ela era a madame que tinha virado pasteira.

Mamãe sofria, mas perdoava. E o Betão... aprontava...





## 12. AS MENINAS

— Pode deixar! A Caró é responsabilidade minha! Vai cuidar da sua vida, Pepê!

Quase caí de costas ao ouvir isso da boca daquele pedaço de gente, a Ju, minha irmãzinha de nove anos.

Interrompeu-me quando eu explicava para ela e Caró que não mais poderia levá-las para a escola porque iria trabalhar. E o que me fez rir foi a Caró, de mãozinhas na cintura e balançando a cabeça, como que dizendo “é isso mesmo!”.

As duas eram e são o xodó, a alegria da Nave Azul. Juliana reinou absoluta até os sete anos, quando dividiu o trono com a Caró.

Calma aí! Eu explico.

Carolina, a Caró, é nossa irmã adotiva e vive conosco há dois anos. Tinha três quando foi re-

tirada do orfanato por papai e mamãe. Tivemos um pouco de receio de que a Ju, então com sete anos, caísse na ciúmeira. Teve um pouquinho no começo, mas depois aceitou a Caró como irmã e muito mais facilmente do que eu e o Beto.

A Ju se sentia importante tomando conta da irmã! Essa ligação das duas até ficou mais forte no meio daquela confusão toda na Nave Azul.

Elas encararam tudo como uma aventura: a mudança para o apartamento, a barraca de pastéis, tudo era novidade. Não reclamaram da falta da piscina nem da casinha de boneca nem do quintalzão onde davam a maior canseira no coitado do Botina. Entenderam por que o vira-lata não pôde vir para o apartamento, mas pelo menos uma vez por semana alguém tinha que levá-las para visitar o Botina na casa de uma amiga nossa.

Ju e Caró viviam inocentemente, sem se preocupar com o que os outros estivessem pensando sobre nossa família. Não se abalaram em ter que trocar uma casa chique por um apartamento simplezinho. Não queriam nem saber se papai estava empregado ou não; queriam apenas o

carinho dele. Não perceberam que mamãe deixou a vida de madame pela vida dura de trabalhadora. E nem sabiam que os dois irmãos delas passaram de filhinhos de papai para dois “Durangos Kids”, que trocaram a moto pelo buzão e a lanchonete do *shopping* por um boteco na hora do almoço.

Bem, pelo menos eu, porque o Beto continuava não aceitando as mudanças e as durezas da nossa vida em família.

Eu também tinha lá minhas vergonhas e complexos, mas, quando percebi que a Ju e a Caró não tinham nenhum desses problemas, trabalhei melhor as encucações na minha cabeça. Tenho que confessar que cheguei a sentir vergonha de a gente ter virado “quase” pobre.

Mas, só de olhar o jeitão das meninas, aprendi a aceitar as coisas como elas acontecem e, depois então, lutar para melhorá-las.

Até aprender tudo isso, tive meus momentos de metido a besta e de ficar cheio de querer ser melhor que os outros. Vou contar um só.

Houve um tempo lá no escritório que andei esnobando os outros garotos que trabalhavam

no empacotamento, no depósito, na manutenção e na limpeza. Achava que era melhor do que eles só porque trabalhava mais bem arrumado, ganhava um salário um pouquinho maior e tratava diretamente com os chefões e até com o dono da firma. Eles, coitados, eram quase analfabetos, pobres de verdade, não estudavam, tinham cara de esfomeados e deveriam morar lá no fim da linha do trem.

Tudo isso estava na minha cabeça, que fique bem clara a minha estupidez.

Aconteceu que um dia aqueles garotos me convidaram para jogar uma partidinha de xadrez na hora do almoço. Pensei: “Moleza! Vou dar o maior olé em todos. Onde se viu pobre metido a jogar um jogo de intelectual? E justo comigo, o Pepê, o bom do xadrez no colégio?!”

O garoto que ia jogar contra mim tinha cara de zé-mané...

Ele me deu um baile, uma “surra”, que me deixou tão tonto que desisti, ou melhor, abandonei o tabuleiro.

Bem feito para mim. Fiquei tão envergonhado comigo mesmo que, dizendo que o bestalhão

da história era um outro garoto, contei para Mila o que havia se passado. Ela, sem saber, deu o xeque-mate na minha estupidez:

— Que sujeitinho mais metido! Que pobre de espírito! Coitado!

Era isso mesmo: eu andava metido e todo frustrado. Graças a Deus já passou! Aprendi naquele dia o que é humildade.

Será que, quando a Ju e a Caró lerem este livro, vão entender o que eu quis dizer neste bilhetinho que, agora, deixo para elas?

*Ju e Caró,*



*Vocês duas, com o jeitinho inocente e despreocupado de vocês, me ensinaram a não fazer tempestade em copo d'água! Com paciência e humildade, todo “problemão” vira um “probleminha” que a gente acaba resolvendo.*

*Obrigado!*

*Amo vocês,*

*Pepê*





## 13. MARIA

Maria morava conosco e era quem cuidava da casa. Em certas coisas mandava mais do que mamãe. Quando nos mudamos para o apartamento, surgiu um probleminha: onde ela dormiria?

— Eu me ajeito no sofá da sala e pronto! Afinal, eu também não faço parte dessa tal de Nave Azul que aquele velho maluco inventou?

Foi muito bom ela ter ficado com a gente porque Maria era uma espécie de ombro amigo, de confidente. Quantas e quantas vezes eu encontrei força naquele sorriso negro! Cada um de nós, papai, mamãe, as meninas, o Beto e eu, quando a coisa apertava, dava um jeitinho de desabafar com a Maria. Ela escutava em silêncio e compreensivamente. Não dava palpites, mas só o fato de ouvir já nos fazia bem.

Fazia o maior sucesso com a freguesia na barraca de pastéis. Algumas freguesas convidaram-na para ir trabalhar na casa delas, com um salário muito maior do que aquele que ganhava. A resposta da Maria era sempre a mesma:

— Não posso. Tenho uma missão a cumprir na Nave Azul.

Uma vez, uma dessas freguesas bisbilhoteiras quis saber o que era a tal da Nave Azul. Se se tratava de alguma religião esquisita.

Maria, que não gostava de gente curiosa, mandou ver:

— Sim senhora! A Nave Azul é um grupo de gente de outro planeta que veio para dominar a Terra! E nós fazemos parte dessa missão!

A mulher, apavorada, arregalou os olhos, se benzeu, soltou um “cruz-credo” e saiu rapidinho, sem nunca mais voltar à barraca.

Maria era uma pessoa de fé. Escolheu um canto na área de serviço do apartamento e montou um altarzinho onde acendia velas para uma porção de imagens de santos. Bonito vê-la re-

zando para eles. Cheguei a ter a impressão de que Maria batia um papo com Deus.

Uma noite dei uma tremenda mancada com Maria. Cheguei moído de cansaço depois de andar o dia todo como *boy* e de assistir a cinco aulas no noturno. Encontrei sobre a mesa da cozinha um prato cheio de brigadeiros, quindins e balas de coco. Não tive dúvida: comi tudo.

Na manhã seguinte, Maria acordou a casa e contou com alegria:

— Milagre, milagre! São Cosme e São Damião estiveram aqui e levaram os doces que fiz para os anjinhos da guarda!

Envergonhado, contei que eu...

Ela nem se abalou e disse numa boa:

— Sinal, então, de que o seu anjo da guarda queria um agradinho. Vai trazer muita sorte para você!

Mas, com tudo isso, Maria não é daquelas pessoas que comem enrolado e engolem desaforos. O Beto



que o diga. Certa vez, ele, num daqueles ataques de egoísmo, começou a reclamar, a se fazer de coitadinho, a dizer que mamãe o fazia passar vergonha, que o papai era um fraco, que eu era o queridinho deles, e que ele estava com o saco cheio daquela coisa de Nave Azul, enfim, que estava tudo errado.



Maria esperou que ele destilasse toda a bronca e disse-lhe, olhando-o bem de frente:

— Se tem alguém errado aqui é você, Beto!

Ele virou macho! Falou com sarcasmo:

— Quem é você, Maria, para me dizer isso? Você não passa de uma empregada muito da metida e da ignorante!

— Olha aqui, menino, na boca de quem não presta, como você, pessoa alguma tem valor. Eu, pelo menos, trabalho, faço a minha parte. E você, um cavalão, um vagabundão!

— Não fale assim comigo! Você não é minha mãe!

— Graças a Deus que não sou! Ficaria muito triste em ter como filho um sujeitinho covarde,

pilantra e bunda-suja como você! Vai procurar a sua turma!

Betão não esperava por aquela. Saiu pisando duro. Maria era e é assim, um coração de ouro, mas pão, pão e queijo, queijo! A partir desse dia, sempre que via o Beto mal-humorado ou tentando dar uma de gostoso, ela sapecava:

— Que foi, meu?! Cara feia para mim é fome, rapaz!





## 14. BETO, BETÃO

Estava cada vez mais difícil o Beto se entender com a tripulação da Nave Azul. Entrava e saía sem conversar com ninguém e, por mais que as meninas tentassem uma festinha com ele, meu mano continuava caladão.

Ele preocupava a todos nós. Mamãe conversou com uma professora que sugeriu que o Beto desse uma passadinha num psicólogo. Betão protestou na hora dizendo que não era louco e que tinha apenas uma doencinha chamada “sacocheíte” de nós todos da Nave Azul. Mas, depois de muita insistência, acabou indo.

Acreditamos que estivesse fazendo efeito a troca de idéias dele com o psicólogo porque, durante mais de um mês, o Beto, embora caladão, parou com a agressividade gratuita e com o ar

de pouco-caso e de superioridade perante tudo e todos.

Um belo dia descobriu-se que ele não ia coisa nenhuma às consultas, e que gastava todo o dinheiro com a Leninha e a turma no fliperama do *shopping*.

Papai quis pegá-lo pelo pescoço; não pelo dinheiro jogado fora, mas pela mentira. Mamãe, mais uma vez, pôs panos quentes e justificou:

— Não adianta forçá-lo. Uma hora ou outra ele entra nos eixos. Coisas da idade. Ele é um bom menino...

— Malandragem, isso sim! Ainda acabo com a folga dele! — papai ameaçava, mas, barrado por mamãe, ficava só na ameaça.

As guitarras e o três-em-um do Betão ficaram na casa de um amigo dele porque não cabiam no minúsculo quarto do apartamento. Mas ele continuava ligadão no som do *walk man*, que só tirava do ouvido na hora do banho. Ele escrevia umas letras para as músicas da banda de *rock* em que tocava, a In-cendiários.

Um dia, encontrei no chão do quarto aquilo que me pareceu ser uma letra de música, com título e tudo:

## *Cavaleiro do amor*

*Ah, poesia abraça este poeta solitário  
Que tem uma bomba de amor no peito  
As mãos prontinhas para o carinho  
Os olhos pousados num mundo bonito e bom.  
Não quero dinheiro!  
Não quero poder!  
Abaixo este mundo egoísta!  
Abaixo este mundo materialista!*



Bis

*Sou o cavaleiro do amor  
Chegando com minha canção de paz  
O mundo não perde por esperar...  
por mim!*

Achei bonito! Sabia que o Beto tinha essas coisas bacanas dentro dele. Tirei uma cópia do poema mas, como andava muito bravo com ele, fiz uma brincadeira cruel e deixei escrito no canto do papel: “Vai trabalhar, vagabundo!”

Foi minha pequena vingança.

Por fim, chegou o dia em que mamãe perdeu a paciência com ele. Beto pediu-lhe um dinheiro não sei para quê. Ela disse:



— Não dá, Beto. O único dinheiro que tenho é para comprar o remédio da asma da Caró.

Ele, pura e simplesmente, falou:

— Faz o seguinte: devolve a Caró para a Febem e dá o dinheiro para mim.

Betão foi longe demais. O sangue da mamãe ferveu:

— Cretino! Egoísta! Seu pai tem razão mesmo! Você é um caso perdido!

Mamãe foi chorar no quarto, repetindo desesperada:

— Meu Deus, o que aconteceu com ele? Sempre foi um menino tão carinhoso!

Era verdade, o Beto sempre tinha sido um cara boa gente e carinhoso. Mas naquele momento da vida dele não era nada, nadinha daquilo. A gente tinha saudade do jeito legal de ser dele. Mas ele nem se incomodou com o choro sentido da mamãe. Pôs a cabeça na porta do quarto e falou:

— Tô saindo! Se você mudar de idéia, deixa o dinheiro debaixo do meu travesseiro...

Eu estava trabalhando, mas, se estivesse lá, juro que teria quebrado a cara do Betão.

E isso aconteceu justamente naquele dia em que o Beto havia levado o dinheiro do papai para ir à tal casa de praia com a turma. Lembre-se que era tudo mentira? Que, na verdade, ele aprontou aquela baixaria no sítio?

O malandrão voltou na madrugada da segunda-feira. Colocou a chave na porta com todo cuidado para não fazer barulho e não acordar a Nave Azul. Não conseguiu abrir porque a porta estava trancada por dentro.

Papai, sempre com mamãe pedindo-lhe calma, abriu a porta. O Beto foi entrando, mas papai apenas disse:

— Pegue suas coisas e passe muito bem!

Beto não acreditou quando viu um embrulho com as roupas dele. Tentou ainda encontrar



abrigo em mamãe, mas percebeu, nos olhos dela, que daquela vez não teria apoio. Quis fazer ceninha e se despedir das meninas.

— Elas estão dormindo; e não se preocupe porque já sabem que você não mora mais aqui — papai estava seco.

Olhou-me com raiva, insinuando que eu fazia parte daquilo.

— Onde vou dormir? Onde vou morar?

— Problema seu!

— Pô, pai! Eu só não arrumei emprego ainda, mas sou um cara legal e nem drogas eu uso!

— Era só o que faltava! E por causa disso você acha que devemos beijar os seus pés?

— Pô, pai, eu...

— Fim de papo! Se manda! Daqui a pouco a tripulação da Nave Azul...

— Pô, comandante...

— Quando você virar gente apareça para conversarmos. Até logo! — disse papai apontando a porta da rua.

Beto, Betão saiu e virou-se com um sorrisinho amarelo e ameaçador:

— Vocês nunca mais terão notícias minhas!

— Se manda, moleque!

Papai fechou a porta. Tinha os olhos marejados. Eu também.





## 15. A BRUXA DO AZAR

A saída do Betão baqueou um pouco todos nós. Papai, o comandante da Nave Azul, comentou:

— Ele é um tripulante com quem não poderemos contar por um tempo. Quando estiver com a cabeça no lugar, ele volta. Nossa viagem continua!

E continuava mesmo! Mamãe e Maria tocando a barraca; eu, como *boy*, ganhando tão pouco que dava apenas para pagar o colégio. Mas, como diziam Mila e Marisa, eu ganhava uma experiência que não há dinheiro que pague.

Papai andava cada vez mais nervoso porque não arrumava emprego. Foi convidado a gerenciar um lava-rápido perto de casa, e aceitou. Ia indo muito bem porque papai sabia lidar com essas

coisas de comércio e de atendimento ao público. Até comemorava:

— Já dobramos o faturamento depois que assumi a gerência! Ganharei mais em comissão do que em salário! Agora vai!

Foi nada. O lava-rápido fechou dois meses depois para ser substituído por um supermercado. Prometeram que papai seria o gerente, mas até lá...

Aparentemente papai não se abateu e voltou à rotina de recortar anúncios de jornais, preparar currículos e marcar entrevistas. Mas emprego que era bom, nada!

Uma noite, mamãe entrou apavorada no meu quarto.

— Pepê, levanta rápido! Temos que levar seu pai ao pronto-socorro!

O coração dele tinha dado uma mancada. O médico explicou que papai não morreu por um triz e que precisaria de muito repouso, sem qualquer contrariedade.

Não contei para o pessoal da Nave Azul que eu fora atrás do Betão para avisá-lo de como andavam as coisas e o susto com a vida do papai. Ele ouviu, não moveu um músculo e disse:

— Problema de vocês. Tô fora da Nave Azul. Aliás, ele estava fora de tudo! Falsificara a assinatura do papai e trancara a matrícula na escola. Vivia pelos fliperamas e *shoppings* com a turma dele e da Leninha. Tinha ido morar na casa de um amigo.

E a Bruxa do Azar resolveu aprontar mais uma para a turma da Nave Azul. Mamãe deu partida na Manoela e nada de ela pegar. Empurramos, abrimos o motor e nenhum sinal de vida. Horas depois ficamos sabendo: o motor havia fundido!

E agora? Sem Kombi não tinha feira e sem feira não tinha dinheiro e sem dinheiro...

Felizmente tínhamos o vovô, o Capitão Esperança que, como se tivesse adivinhado, chegou no dia seguinte. Também estava sem dinheiro porque havia gasto todas as economias com a doença da vovó Janda. Mas ele, bem no seu jeitão, dizia:

— Calma, a gente resolve!

Porém a Bruxa do Azar ainda não tinha terminado o seu servicinho na Nave Azul. Faltava ela me pegar. E pegou!

Eu, como a maioria dos *boys* de escritório, achava bonito ficar na porta traseira do ônibus. A gente descia sem pagar e ainda tirava um sarro do motorista e do cobrador. Malandragem boba!

Estava eu todo espertão, segurando na porta do ônibus, quando senti um puxão vindo do lado de fora, tão forte que quase fiquei sem o braço. O trombadão ou o trombadinha, sei lá, fugiu com a minha pasta do escritório. Estou correndo atrás dele até hoje!

Dentro da pasta havia documento e dinheiro da firma. Cheguei arrasado no escritório. A Marisa compreendeu, me consolou, mas deixou bem claro que iria apenas tentar ver com o diretor o que poderia ser feito no meu caso. Voltou quase chorando porque o chefão tinha me mandado embora, para o olho da rua! Deveria voltar no outro dia com o meu pai ou alguém responsável para acertar tudo. Aquele dinheiro roubado seria descontado do que eu tivesse para receber no acerto de contas. Quer dizer, depois de quase um ano de firma eu sairia sem nenhum dinheiro.

Eu estava chorando quando, longe do papai e da mamãe, contei ao Capitão Esperança a minha marcação de bobeira no ônibus. Sabe o que ele fez?

Riu!

— Você está aprendendo as coisas, Pepê. Calma, a gente resolve...





## 16. GANHANDO "QUASE" BEM

Resolvemos o problema da “doença” da Manoela alugando o carro de um vizinho que, com o carro dele, fazia o leva-e-traz da barraca de pastéis. Eu também iria ajudar porque já me considerava o mais novo desempregado da família.

Vovô teve que voltar depressa para a casa dele para cuidar da vó Janda. Deixou algum dinheiro conosco e, como sempre, muita esperança.

Vovô contou que o Beto telefonara para ele logo depois que saíra de casa, dizendo que, coitadinho, tinha sido expulso e que pretendia ir morar com ele e com a vó Janda. Vovô não concordou e disse:

— Nada disso, Beto. Seu lugar é na Nave Azul. Precisam de você por lá!

Óbvio que entrou por um ouvido e saiu pelo outro, porque o Betão continuava na dele.

Antes de ir embora, vovô me garantiu que tivera um pressentimento de que eu não perderia o emprego. Mas, pelo sim, pelo não, passei o domingo todo recortando anúncios de empregos junto com o papai. Pude, então, perceber a ansiedade de uma pessoa que procura emprego.

Papai foi comigo ao escritório porque, como eu só tinha quatorze anos, ele teria que assinar os papéis da minha demissão. Marisa recebeu-me com um sorriso maroto e me perguntou se eu tinha vindo trabalhar com o meu pai de guarda-costas. Não entendi.

— Ele veio assinar a minha...

— E quem disse que você está demitido ou que foi mandado embora? O diretor só quis lhe dar um susto. Nós gostamos de você e do seu trabalho.

— Mas eu não tenho como pagar o dinheiro roubado...

— Tem sim! Será descontado do seu salário, um pouquinho por mês.

— Aí eu vou receber quase nada, Marisa! E pago a escola com o quê?

— Ora, você foi promovido para trabalhar no escritório. Teve até um aumento, que é exatamente do valor daquilo que será descontado por mês do seu salário. Dá elas por elas. Topa?

Se eu topei? Claro!

Marisa fez uma porção de elogios sobre mim, que eu era esforçado, meio cabeça-de-vento, mas que trabalhava direitinho e que não sei o que e não sei o que mais. Papai ficou todo cheio de si e comentou comigo:

— É, filho, bem que o Capitão Esperança diz: “Há males que vêm para bem!”

E assim fomos tocando nossa vida. Porém a situação de grana, ao invés de melhorar, piorava. Levamos quase três meses para juntar o dinheiro e colocar um motor novo na Manoela. Não sobrava para nada.

Passamos o primeiro Natal de nossa família sem ceia e sem aquele monte de presentes. Deu apenas para comprar um presente para as meninas. E, por ironia, papai arrumou um “biquinho” para ganhar uma grana se vestindo de

Papai Noel e tocando sininho na porta de uma loja.

O Capitão Esperança e a vó Janda vieram passar o Ano-Novo na Nave Azul. O Beto nem deu sinal de vida; soubemos que ele e Leninha tinham virado mochileiros e que viajavam de carona pelo Brasil.

Ah, não posso esquecer de contar!

Em dezembro terminei de pagar o dinheiro roubado e com o meu décimo terceiro salário consegui comprar a medalha e a correntinha para a mamãe. Era quase igual àquela que tinham levado dela na feira.

Começamos um novo ano com algumas mudanças na rotina da Nave Azul. Juliana foi transferida para uma escola estadual e a Caró para uma creche da prefeitura. Eu ganhei uma bolsa de estudos no colégio. Imagine só como eu estava: quase com quinze anos, terminando a oitava série, trabalhando o dia todo de terno e gravata e ganhando “quase” bem!

Mila, não sei por que cargas d’água, me deu o fora. Na verdade, me trocou por um bestão de um jogador de basquete lá do colégio. Fiquei

mal! Chorei pra burro! Não na frente dela, mas ela ficou sabendo. E daí?

Papai foi trabalhar de uma vez por todas com mamãe na barraca. Fez tão bem para ele que até voltou a freqüentar o clube. Antes não ia porque achava muito chato ouvir os amigos comentando sobre seus empregos e ele não ter nada para contar.

Mamãe e papai quase não tinham tempo, mas quando podiam davam uma de casalzinho de namorados curtindo um solzinho na piscina do clube.





## 17. GANHEI NA LOTO!

A vida, pouco a pouco, começou a melhorar na Nave Azul. Tínhamos companheirismo, amor e saúde. Conseguimos até guardar um dinheirinho na poupança e compramos uma Kombi um pouco mais nova, porque a Manoela, coitada, não agüentava mais o tranco.

Eu ganhei na Loto!

Apairoxonei-me loucamente pela Rita de Cássia, uma garota da oitava D. Fiquei mais de um mês na paquera, jogando conversa fora, mas sem coragem de chegar no assunto. Só pensando nela! Fiz poesia e, muito do bestão, mandava entregar só com essa assinatura: “Daquele que só pensa em ti”. (Ti e te ficam bem quando a gente fala de amor, né?)

Por causa dela, agüentei a maior gozação no escritório. Estava mexendo no computador quan-

do, na maior desligada, comecei a escrever... Não percebi que a turma foi chegando e se encostando atrás de mim, até que ouvi o coro deles repetindo o que eu escrevera: "Te amo, Rita de Cássia, Pepê".

Uma noite, na saída da aula, no ponto do ônibus, interrompi aquela minha conversa furada e, olhando bem nos olhos dela, disparei:

— Te amo!

— Eu também amo você, Pepê.

Trocamos o primeiro beijo ali mesmo!

O amor da Rita foi como um prêmio da Loto para mim.

Ia tudo muito bem na Nave Azul quando o coração do papai resolveu dar uma mancadona muito perigosa. Ele ficou um tempão no hospital. Bagunçou tudo de novo na nossa vida. O importante era que papai saísse com vida! O tempo passava, nós na luta, e papai no hospital à espera de uma vaga para a operação.

Lá de longe, o Capitão telefonava para mim no escritório e pedia para que mamãe e eu não perdêssemos a esperança.

Papai teve alta do hospital depois de quarenta e cinco dias. Chegou com duas pontes de safena no coração e com a certeza, dada pelos médicos, de que, se cuidasse da saúde, poderia levar uma vida normal.

Uma noite, assistíamos tevê na sala, quando a Ju foi abrir a porta da rua.

O Beto abriu os braços e falou:

— Aceitam um passageiro-tripulante na Nave Azul?





## 18. NAVE AZUL II

O tempo mostrou que o nosso Betão tinha mudado. Ele dizia:

— Agora estou numas de recuperar o tempo em que marquei bobeira.

Betão foi logo falando que ele e papai cuidariam da barraca de pastéis e que mamãe ficaria cuidando da casa. E assim aconteceu.

Betão não parava e dizia que estava com a cuca legal. Tratava papai e mamãe com o maior respeito e até irritava as meninas por causa de tanto dengo. Pediu desculpas à Maria. Falou que eu estava devendo um soco na cara dele. Eu já tinha até me esquecido e perdido a vontade.

O malucão não ficou só na de trabalho, não! Voltou a estudar e ainda arrumou tempo para fazer *shows* com a banda dele, a In-cendiários.

Leninha chiou no começo, com tanta mudança de cabeça do Betão. Brigaram feio! Mas durou pouco porque os dois não conseguem se largar. Estão juntos até hoje. Chocante como os dois se amam.

E um dia aconteceu. Papai arrumou o emprego de gerente do supermercado!

Faz quase um ano que papai trabalha satisfeito da vida. O coração dele vai muito bem, obrigado.

Mamãe voltou a trabalhar na feira, mas ela mesma diz que está bem sossegada porque o Betão toma conta de tudo e anda dizendo que vai comprar mais uma barraca de pastéis.

Mudamos para este apartamento aqui, que apelidamos de Nave Azul II. Maria e as meninas dormem num quarto; papai e mamãe no deles. Beto colocou a mensagem do Capitão Esperança num quadro na sala de visitas e faz questão de mostrar para todos que entram.

Betão e eu dividimos um quarto e uma escrivaninha. Foi nela que o Beto, muito do xereta, descobriu numa pasta os meus poemas de amor

dedicados à Rita de Cássia. Gostou tanto que colocou música em alguns. Vivia me amolando para que eu escrevesse um livro contando uma história interessante, que falasse de amor e da realidade da vida. Pensei comigo: “A história que conheço assim é a da Nave Azul...”

Deixei a preguiça de lado, tomei coragem e escrevi a história.

Acho que vou chamá-la de “Quando meu pai perdeu o emprego”.

Não ficou legal?





# AUTOR E OBRA



ARQUIVO DO AUTOR

Momento legal na minha vida foi quando senti um estalo aqui dentro e me convenci, com alegria, que ganharia meu pão como jornalista, como repórter. Lembro-me bem: estava no meio de uma reportagem. Outra hora conto como aconteceu.

A partir daquele momento passei a ser caminheiro na vida, primeiro aprendendo lições como ser humano e, depois, como repórter. Tô nessa de aprendiz até hoje. É gostoso à beça.

Aquele tal estalo foi muito bom porque sempre gostei de ouvir histórias, desde pequeno, lá no bairro da Lapa de Baixo, em São Paulo, onde nasci. Aliás, meu pai, o Zé Mineiro, sabia contar histórias de um jeitão todo especial, e eu viajava dos limites da realidade para os horizontes da fantasia.

Um belo dia, dei de cara com o encanto do teatro e vi que as histórias podiam ser contadas com emoção, ternura e esperança, porque é gente falando com gente, no maior cara a cara. A partir de então escrevi algumas peças, entre elas *Cena aberta*, *De amor e verdade*, *De verdade e amor*, *A brincadeira da Lua*, *O rei que não tinha amigos*. Ah, rabisquei e rabisco alguns poemas. Preciso deles porque aprendi que a poesia é uma forma de amar e de aprender a dizer não para certas safadezas e maracutaias que pintam por aí.

Bom, pra encurtar o assunto, senão isto vira uma novela, posso dizer que já faz algum tempo que escrevo histórias para a juventude. Aqui na Editora Moderna, publiquei alguns contos na série Sete Faces e vários livros para jovens: *O segredo da amizade*, *Das Dores e Já Passou*, *Aí Né...* e *E Depois?* e *Eu, pescador de mim*. Leu? Não?! Então, trate de ler, por favor, e desde já agradeço em nome de todos os outros autores.

E, para terminar, quero dizer o seguinte: escrevo porque acredito naquilo que acontece quando a palavra chega e se aninha no coração e na consciência das pessoas.

Agora, depois de escrever, gosto mesmo é de bater papo.  
Até a vista!

Wagner Costa









WAGNER COSTA

## QUANDO MEU PAI PERDEU O EMPREGO

*Numa família, a crise financeira pode levar  
ao desespero... ou à solidariedade.*

Pepê, Beto, Ju e Caró são quatro irmãos  
acostumados a morar em casa com piscina,  
freqüentar colégios caros e clubes elegantes,  
ganhar motos e videogames de presente.

Mas, de um dia para o outro,  
o pai perde o emprego. Sem dinheiro,  
a família vai tendo de abrir mão de tudo:  
da casa, dos carros...

O que passa pela cabeça das crianças?

Será que podem ajudar?

Continuariam juntos e felizes ou começariam  
um motim a bordo da Nave Azul?

Ora, é só perguntar ao  
Capitão Esperança!

 Moderna

ISBN 85-16-03504-2  
9 788516 035044

\* 05-QPS-927 \*